

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CASSIA REGINA MIRANDA DE CARVALHO

PROJETO GELADEIROTECA: uma experiência de leitura em uma escola da Rede
Pública Municipal em São Luís - MA

São Luís
2019

CASSIA REGINA MIRANDA DE CARVALHO

PROJETO GELADEIROTECA: uma experiência de leitura em uma escola da Rede Pública Municipal em São Luís - MA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Leoneide Maria Brito Martins

São Luís

2019

Carvalho, Cássia Regina Miranda de.

Projeto Geladeiroteca: uma experiência de leitura na escola da Rede pública municipal em São Luís – MA / Cássia Regina Miranda de Carvalho. - 2019.

58 f.

Orientadora: Profa. Dra. Leoneide Maria Brito Martins.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Leitura. 2. Letramento literário. 3. Mediação da leitura.
4. Projeto Geladeiroteca. I. Martins, Leoneide. II. Título

CÁSSIA REGINA MIRANDA DE CARVALHO

PROJETO GELADEIROTECA: uma experiência de leitura na escola da Rede
pública municipal em São Luís - MA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em ____/____/2019

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Leoneide Brito Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Aldinar Martins Bottentuit
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Ma. Jackeline de Freitas Nunes
Universidade Federal do Maranhão

Dedico ao Deus eterno, o senhor da vida, que por meio da sua palavra me orientou a buscar o princípio da sabedoria: o temor a Deus.

Aos meus filhos: Max Müller Rodrigues de Carvalho (*In memoriam*), Ádria Rodrigues de Carvalho e Erick Rodrigues de Carvalho.

Ao meu esposo Osvaldo Rodrigues de Oliveira Filho, companheiro, amigo e grande incentivador de minha carreira.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Criador, dos céus e da terra que me criou e por me amar enviou seu filho Jesus.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que possibilitou a minha formação com conteúdos relevantes para minha formação com espaços geográficos acolhedores e livros interessantes que acrescentaram informação que foram transformados em conhecimentos.

Aos docentes e funcionários administrativos do Departamento de Biblioteconomia, pelo apoio, incentivo e companheirismo.

Às professoras Dra. Cenivalva Miranda de Sousa Teixeira, Coordenadora de Monografia; Dra. Aldinar Martins Bottentuit, Coordenadora do Curso e Dra. Dirlene Santos Barros, Chefe de Departamento de Biblioteconomia da UFMA.

À professora Dra. Leoneide Brito Martins cuja orientação mostrou-me as possibilidades para avançar na pesquisa.

Aos professores, membros da Banca Examinadora, Profa. Dra. Aldinar Martins Bottentuit com suas valiosas contribuições para a melhoria deste trabalho, a Profa. Jackeline de Freitas Nunes, por suas contribuições para a melhoria desse trabalho e pela Profa. Dra. Leoneide Brito Martins, que em suas aulas me incentivaram a pesquisar sobre a formação de leitores.

Ao meu marido Osvaldo Rodrigues de Oliveira Filho que sempre me apoiou nos estudos e na vida.

Aos meus filhos que sempre me incentivaram a lutar por melhorias sociais.

A todos os professores que contribuíram para minha formação, pois cada um acrescentou um pouco no meu todo.

Aos professores e alunos da UEB Artur Azevedo que foram os sujeitos de minha pesquisa.

À diretora da escola que me forneceu as condições para a pesquisa.

Aos meus colegas de turma 2012.2 que, durante alguns semestres, estivemos juntos, entretanto, por razões alheias a nós, nos separamos, especialmente a minha amiga de trabalhos acadêmicos, Ana Zuleide Ribeiro.

*“O temor do Senhor é o princípio do conhecimento; mas os insensatos desprezam a sabedoria e a instrução”.
(PROVÉRBIOS 1.7).*

RESUMO

Estudo sobre as experiências de formação de leitores por meio do “Projeto Geladeiroteca” com alunos do ensino fundamental de uma Escola Pública Municipal em São Luís - MA. A perspectiva teórica que norteou o estudo teve como abordagem a concepção de leitura na dimensão do letramento literário, que se configura enquanto prática que se baseia na leitura do texto literário como instrumento de formação crítica do leitor, situado contextualmente, que educa, informa e diverte. O objetivo deste estudo foi analisar as experiências e as contribuições do “Projeto Geladeiroteca” na formação de leitores, desenvolvido com alunos em uma escola pública municipal em São Luís. O estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica que possibilitou a compreensão teórica acerca do letramento literário e das práticas de leitura, e a pesquisa de campo, a partir de observação participante durante as atividades do projeto e aplicação de questionários com professores e alunos envolvidos nas experiências de leitura. Dentre os resultados da pesquisa verificou-se que os alunos gostam de ler os livros da “Geladeiroteca”, embora haja a necessidade de renovação das coleções para aumentar o nível de interesse de leitura e de variedades de gêneros literários, que por meio da mediação da leitura pelos professores e alunos mais experientes, os demais alunos passaram a demonstrar um maior interesse pela leitura literária e a buscar livros com maior frequência. É evidente a relevância do Projeto “Geladeiroteca”, porém observa-se ainda pouca participação por meio do conjunto de professores da Escola em se envolver no Projeto e desenvolver ações sistemáticas no planejamento curricular que incorpore a leitura literária como ação fundamental para formar leitores, sobretudo com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que adquiram o gosto e o exercício habitual da leitura, que se concretiza na escola e se amplia para a vida pessoal e coletiva.

Palavras-chave: Leitura. Mediação da leitura. Letramento literário. Projeto Geladeiroteca.

ABSTRACT

Study about the experiences of readers formation through the "Geladeiroteca project" with elementary school students from a municipal public school in São Luís-MA. The theoretical perspective that guided the study had as an approach the conception of reading in the dimension of literary literacy, which is configured as a practice that is based on reading the literary text as an instrument of critical formation of the readers, situated contextually, which educates, informs and amuses. The aim of this study was to analyze the experiences and contributions of the "Geladeiroteca project" in the formation of readers, developed with students in a municipal public school in São Luís. The study had as methodology the bibliographic research that allowed the theoretical comprehension about literary literacy and reading practices, and field research, from participant observation during the project activities and application of questionnaires with teachers and students involved in reading experiences. Among the results of the research it was found that students like reading the books of "Geladeiroteca", although there is a need for renovation of the collections to increase the level of interest of reading and varieties of literary genres, which through mediation of reading by teachers and more experienced students, the other students began to demonstrate a greater interest in literary reading and search for books more frequently. It is evident the relevance of the project "Geladeiroteca", but there is still little participation through the group of teachers of the school to get involved in the project and develop systematic actions in the curricular planning that incorporates the literary reading as a fundamental action to form readers, especially with students from the early years of elementary school, so that they acquire the taste and habitual exercise of reading, which is concretized in school and expands to personal and collective life.

Key-words: Reading. Reading mediation. Literary literacy. Geladeiroteca Project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Entrega das geladeiras pela empresa doadora.....	p.39
Figura 2 – Customização da geladeira.....	p.39
Quadro 1 – Algumas referências feitas pelas crianças durante algumas conversas.....	p.40
Quadro 2 – O projeto Geladeiroteca e o alcance do objetivo de formar leitores....	p.41
Quadro 3 – Opinião dos professores sobre a influência do projeto Geladeiroteca para o processo de formação de leitores.....	p.42
Quadro 4 – Possibilidade de retirada da Geladeira do espaço físico da escola e o acesso à biblioteca?.....	p.42
Quadro 5 - Necessidade da presença de um profissional da Biblioteconomia na biblioteca da escola.....	p.43
Quadro 6 – Concepção de leitura pelos professores.....	p.44
Quadro 7 – Característica de um bom leitor segundo o professor.....	p.44
Quadro 8 – A leitura em sala de aula incentivada pelo professor.....	p.45
Quadro 9 – Opinião dos professores sobre o projeto Geladeiroteca quanto ao incentivo à leitura na escola	p.45
Quadro 10 – Atividade de leitura desenvolvida para o aluno pelo professor	p.46
Quadro 11 – Professor como mediador na formação de leitores	p.46
Quadro 12 – Questões quanto à leitura	p.47
Gráfico 1 - Questões quanto à leitura	p.48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA.....	14
2.1	Caracterização do campo de pesquisa.....	16
3	LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DE LEITORES	18
3.1	Concepções sobre Letramento	20
3.2	Letramento literário	23
4	O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE LEITORES	29
4.1	O processo de mediação da leitura no espaço escolar	29
4.2	Formação de leitores.....	33
4.3	Biblioteca escolar: espaço de mediação de leitura	36
5	PROJETO GELADEIROTECA: uma experiência de leitura na escola pública municipal em São Luís - MA	38
5.1	Caracterizações do projeto de leitura Geladeiroteca	38
5.2	Projeto Geladeiroteca: análise da opinião dos alunos e Professores	39
5.3	Contribuição para fortalecer o projeto de leitura Geladeiroteca	48
6	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	56

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como ponto de partida para a pesquisa as seguintes indagações: “o que pesquisar” e “por que pesquisar?”. Por ser professora da Unidade Básica de Ensino (UEB) Artur Azevedo, por ter feito parte de um projeto para formação de leitores, ser acadêmica de Biblioteconomia e por haver uma disciplina no Curso de Biblioteconomia que trabalha a “formação de leitores”, foram elementos motivadores para escolha do tema e do objeto de pesquisa, relatar as ações do projeto da escola, intitulado de “Geladeiroteca” que objetiva formar leitores. O projeto Geladeiroteca foi uma maneira que os professores do turno vespertino encontraram para disponibilizar os livros da “Biblioteca Paulo Freire”, pertencente à Escola e que passa a maior parte do tempo fechada, para os alunos da Unidade de Ensino Básico Artur Azevedo.

Para responder à pergunta “como pesquisar?”, destaca-se que a partir do “Projeto Geladeiroteca”, o percurso da pesquisa inicia com a observação participante em relação ao acompanhamento dos alunos durante as atividades, como os livros da Geladeiroteca eram utilizados pelos alunos, sendo que a maioria deles teria feito parte do projeto no turno vespertino, pois a escola trabalha com os anos iniciais e finais do ensino fundamental, a pesquisa se deu no turno matutino que é o contra turno da pesquisadora.

A pesquisa objetivou caracterizar o projeto de leitura “Geladeiroteca”, analisar a opinião dos alunos e professores sobre o projeto de leitura e contribuir para o fortalecimento do referido projeto de leitura através de atividades de intervenção junto ao público participante.

O trabalho foi dividido em seis seções. A primeira seção corresponde à introdução que apresenta o que foi pesquisado e de que forma o trabalho foi desenvolvido; a segunda seção refere-se à metodologia que foi aplicada na pesquisa, tendo como instrumentos de coleta de dados: a observação participante, aplicação de questionário e entrevista, nessa seção também se caracterizou o campo de pesquisa.

Na terceira e quarta seções apresenta-se o referencial teórico que consta de: conceitos de literatura, letramento literário e formação de leitores e o processo de mediação da leitura no espaço escolar. A quinta seção caracteriza o projeto Geladeiroteca e são analisadas as contribuições para fortalecer as ações de

continuidade do projeto. A sexta seção corresponde à parte conclusiva do trabalho em que os resultados apontaram para a necessidade de revitalização do projeto Geladeiroteca, com ampliação de literatura através de doações de vários gêneros literários; a mediação de leitura, que ocorreu no processo da pesquisa favorecendo a leitura literária; o envolvimento dos professores no projeto, limpeza e organização da Biblioteca da escola, que fica a maior parte do tempo fechada, por falta de um profissional bibliotecário para gerenciar e realizar o processamento técnico das coleções, assim como promover atividades de incentivo à leitura escolar.

2 METODOLOGIA

O estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, que possibilitou a compreensão teórica acerca do letramento literário e das práticas de leitura, e a pesquisa de campo, a partir de observação participante durante as atividades do projeto e aplicação de questionários com professores e alunos envolvidos nas experiências de leitura na escola da rede pública municipal.

Em relação aos fundamentos teórico-metodológicos foram utilizados os seguintes autores para estudo do tema de pesquisa: Bajard (2014); Bortolin (2010); Bourdieu (1998); Brito (2007); Cadermatori (2006); Cosson (2016); Freire (1989); Kock (2012); Lajolo (1988); Martins (2016); Paiva (2003); Rojo (2009); Rösing (2009); Silva (1993); Tfouni (1995); Zilberman (2003).

Adotou-se como instrumento de coleta de dados a observação participante e o questionário com professores e alunos (Apêndices A e B). A observação aconteceu no turno matutino, uma vez que esta pesquisadora atua como professora na escola em estudo no turno vespertino, de modo que houvesse um distanciamento em relação ao objeto e público a serem pesquisados.

Atualmente, no turno matutino, há 85 alunos matriculados, sendo considerada uma escola de pequeno porte. Foram distribuídos 50 (cinquenta) questionários e recebidos 39 (trinta e nove).

A observação aconteceu uma vez na semana, às quartas-feiras, no intervalo de aula para o lanche. Após quatro semanas de observação, foram iniciadas as atividades de intervenção de leitura com os alunos para retomar as ações de leitura. De sala em sala os alunos foram convidados pela pesquisadora a participarem de um projeto de leitura de forma voluntária.

No primeiro encontro, foi possível reunir 22 (vinte e dois) alunos, no qual houve uma roda de conversas sobre as leituras dos livros da Geladeiroteca que já haviam tido acesso. Nesses diálogos os alunos listaram alguns livros, dos quais serão apresentados na seção 5.2.

Para fundamentar a metodologia da pesquisa, buscou-se referência em Bordieu (1989), no seu livro *O poder simbólico*, que dá uma grande contribuição ao pesquisador ao tranquilizá-lo sobre o ato de pesquisar considerando ser racional e não místico e, por ser racional, dá ao pesquisador certa segurança no processo da pesquisa.

Gostaria de dizer, de passagem, que entre as várias atitudes que eu desejaria inculcar, se acha a de ser capaz de apreender a pesquisa como uma atividade racional – e não como uma espécie de busca mística, de que se fala com ênfase para se sentir confiante – mas que tem também o efeito de aumentar o temor ou a angustia: esta postura realista – o que não quer dizer cínica – está orientada para a maximização do rendimento dos investimentos e para melhor aproveitamento possível dos recursos, a começar pelo tempo de que se dispõe. (BOURDIEU, 1989, p. 18).

Segundo Bourdieu (1989), o pesquisador tem como objetivo real a construção do objeto e um método de constituir esse objeto que pode até ser insignificante socialmente, mas pode ser transformado em um objeto científico. Ele chama atenção para a prática da observação que seja de forma focada e com responsabilidade de quem observa ou o que pesquisa, pois é este que tem a responsabilidade direta quanto à construção do objeto a ser pesquisado. Procuramos perceber o que é uma geladeira customizada no espaço escolar? Qual o significado simbólico do Projeto Geladeiroteca no contexto escolar e para tanto utilizamos um questionário que foi aplicado aos alunos e professores.

[...] por meio de observações perfeitamente triviais, perfeitamente banais, por meio de questões elementares [...]. Só se pode realmente dirigir uma pesquisa – pois é disso que se trata – com a condição de a fazer verdadeiramente com aquele que tem a responsabilidade direta dela: o que implica que se trabalhe na preparação do questionário [...] (BOURDIEU, 1989, p. 21).

Bourdieu denomina que o pesquisador é que tem a responsabilidade direta na pesquisa, que a partir de um questionário, tem-se uma amostragem retirada do campo de pesquisa, sem esquecermos que é através da observação e do questionário que se terá essa amostragem. Além da observação participante e questionário, experimentou-se durante a observação participante a oportunidade de antecipar algumas possibilidades de perguntas por meio de uma roda de conversa. As perguntas foram direcionadas a três professores e a três alunos em momentos diferentes.

Em relação à roda de conversas como atividade de pesquisa de campo, foram formados dois grupos: um de professores, representado de grupo rosa, e outro de alunos, identificado pelo grupo roxo. O grupo de alunos foi composto por três alunas, sendo que duas eram remanescentes do projeto Geladeiroteca. O grupo de professores foi formado por um professor e duas professoras e o foco da conversa foi direcionado à maneira do uso da Geladeiroteca pelos alunos e professores na formação de leitores.

Portanto, a coleta de dados da pesquisa aconteceu por meio da observação participante, aplicação de questionários aos alunos e professores, sendo que o questionário dos alunos foi composto de questões abertas e fechadas, enquanto que o aplicado aos professores foi estruturado por meio de questões abertas. A aplicação dos questionários aos sujeitos foi feita pela própria pesquisadora, o preenchimento se deu individualmente com cada aluno ou professor, momento em que se estabeleceu um diálogo a cada questão pontuada para manifestação dos sujeitos da pesquisa.

2.1 Caracterização do campo de pesquisa

O campo de pesquisa corresponde à escola da Rede municipal cujo nome é U.E.B. Arthur Azevedo, localizada na Comunidade Vila Cabral Miranda. A escola foi inaugurada em 17 de outubro de 2008. Um projeto em parceria com Fundação Alcoa, Alumar, Cristal Engenharia e Secretaria Municipal de Educação, porém as atividades escolares da U.E.B. Artur Azevedo iniciaram somente no dia 05 de fevereiro de 2009.

Os professores da escola turno vespertino desenvolveram um projeto chamado Geladeiroteca que iniciou no ano de 2015, com o objetivo de formar leitores. O que é o Projeto Geladeiroteca? É uma geladeira que foi customizada pelos alunos do turno vespertino e no seu interior foram colocados livros literários infanto-juvenis, o supramencionado projeto foi de iniciativa dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

O projeto passou por algumas adaptações para se tornar mais atrativo quanto ao incentivo à leitura e, em 2016, houve uma mudança peculiar: no lugar dos livros foram colocadas garrafas PET com poemas e pequenas histórias, muitas delas copiadas pelos alunos. Já em 2018, novamente foram colocados livros e uma estante do lado também com mais livros.

Esse projeto chegou a influenciar e influencia os alunos da referida escola no processo de formação de leitores, mas espera por consequência o letramento, ou seja, que os alunos façam o uso social da língua escrita, é o que essa pesquisa pretende responder, mas também contribuir com o projeto Geladeiroteca por meio de uma intervenção.

O Projeto Geladeiroteca iniciou com o apoio da Alcoa, a partir de outro projeto com o título ECOA, que tinha como objetivo trabalhar a ecologia, por essa razão o

título partiu de uma geladeira que seria descartada no lixo, foram quatro geladeiras que foram doadas por uma empresa que vende geladeiras.

As geladeiras foram customizadas pelos alunos da U.E.B. Artur Azevedo, turno vespertino, uma das geladeiras foi doada à outra escola da Rede municipal, U.E.B. Zebina Eugenia, ficando a cargo dela o abastecimento com livros, duas foram doadas a Associação de Moradores, entretanto essas foram colocadas ao ar livre e as partes das prateleiras foram levadas por alguém da comunidade, entretanto não chegaram a colocar livros nessas geladeiras, apenas uma geladeira ficou na escola e esta é abastecida com livros da biblioteca e algumas doações.

A Biblioteca cujo nome é Paulo Freire tem um acervo variado de livros da literatura infantil e juvenis e livros didáticos, no entanto, não é acessível aos alunos haja vista fica a maior parte do tempo fechada e o acervo coberto de poeira, por falta de higienização. Por meio do Projeto Geladeiroteca os alunos acessam os livros que pertencem ao acervo da Biblioteca, entretanto como não há controle de empréstimo, muitos livros já foram levados e não foram devolvidos, causando uma baixa no quantitativo de livros do acervo.

Ressalte-se que a biblioteca da escola não tem um profissional responsável pela gestão e processamento técnico do acervo, controle de empréstimo dos livros, o que seria de grande importância e necessidade a presença desse profissional da Biblioteconomia (bibliotecário/a) por sua formação, valor e significado no espaço escolar, já que este poderia ser o grande apoiador e colaborador de projetos de leitura junto aos professores, principalmente na formação de leitores por meio do letramento literário.

3 LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DE LEITORES

Definir literatura não é uma tarefa simples devido ao processo histórico que a palavra “literatura” vem sendo submetida com o passar do tempo, sendo que a literatura que hoje é considerada infanto-juvenil, na realidade, foi endereçada a classe burguesa, segundo Cademartori (2006), Perrault se apropriou de temas populares para fazer as adaptações de suas obras para o público burguês dentre estas estão cinderela, a bela adormecida etc.

O trabalho de Perrault é de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. (CADERMATORI, 2006, p. 36)

Perrault se apropriou da ingenuidade popular e da inocência das crianças para fazer suas adaptações. Foi atribuído a Perrault o início da produção de literatura que poderia ser considerada infantil.

A literatura infantil no Brasil tem como destaque o intelectual Monteiro Lobato com sua obra “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” que atravessou gerações, entretanto não foi através da literatura lida que a obra de Monteiro Lobato se firmou ou se tornou conhecida, mas foi quando “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” tornou-se produto audiovisual sendo transmitido pela televisão.

Monteiro Lobato em suas obras aborda os problemas sociais da época como em Jeca Tatu, um homem sem esperança, sem saúde e sem disposição para enfrentar o dia a dia.

A consciência social de Lobato leva-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional. (CADERMATORI, 2006, p. 50).

O leitor é conduzido a fazer reflexões sobre as situações vivenciadas pelos personagens podendo este não se sujeitar a situações semelhantes por já terem sido antecipadas, as consequências das ações na vida dos personagens na literatura. No Brasil, há uma ampla produção de literatura infantil, inclusive literatura contendo apenas o visual, permitindo ao “leitor” infantil a liberdade para a imaginação das palavras que não estão escritas.

O mercado de livros infantis, no Brasil, oferece, hoje, produções de boa qualidade para todas as faixas etárias, a partir de livros para crianças que ainda não sabem ler: são os livros sem texto que recorrem exclusivamente, à linguagem visual. (CADERMATORI, 2006, p. 52)

Há os livros que, além da imagem, trazem o texto conciliando-os. Além de Monteiro Lobato, têm-se muitos outros autores como: Eva Furnari, Ângela Lago, Juarez Machado, Mary França, Eliardo França, Tenê, Bartolomeu Campos Queirós, e outros, segundo Cadermatori (2006) por esses autores e por outros, pode se dizer que em literatura infantil, temos livros a mancheias. (CADERMATORI, 2006, p. 65).

Lajolo (1988) relata sobre os diversos registros feitos quanto a conceituar literatura é que [...] criou-se uma linhagem de definições que, embora muitas vezes conflitantes, têm em comum sua origem letrada.

É preciso definir um conceito para trabalharmos a literatura, como a Bortolin escreveu “Com o exposto, quero demonstrar que minha concepção de literatura, não se restringe às chamadas manifestações impressas ou gráficas. Ela extrapola os limites das fronteiras do escrito.” (BORTOLIN, 2010, p. 19).

Quando se pensa em literatura, pensa-se em conteúdos maçantes, com linguagem que é necessário utilizar um dicionário para poder compreender palavras arcaicas, ou seja, palavras que não são mais usadas cotidianamente.

Estamos nos referindo a textos como o de *Triste fim de Policarpo Quaresma* que usa palavras como: bongava, monacal, misantropo, pedantismos, pejudas, impudico, capadócio, palrador e por aí vai, em todo conteúdo do livro, mas o conteúdo da história supera essa pequena dificuldade, a das palavras não utilizadas usualmente.

É claro que para o infantil e juvenil se busca uma literatura especializada, ou seja, a literatura produzida para essa faixa etária especificamente com conteúdo que possa envolvê-lo de tal maneira que o faça vivenciar a emoção desenvolvida na literatura, segundo descrito por Bortolin (2010, p. 14), “Tenho clareza na cabeça (razão) e no coração (emoção) que a fantasia é um elemento substancialmente real em nossas vidas (por mais contraditório que pareça)”.

Devido à complexidade do termo literatura e deste nos conduzir por caminhos mais profundos passemos a utilizar o termo textos literários, pois dentro do que pretendemos cabe bem, visto que não há pretensão de aprofundamento de termos como literatura, uma vez já que já exista material vasto com esse propósito.

Alguns estudiosos não separam literatura de texto literário, entretanto vamos considerar o termo texto literário devido à polissemia do termo literatura, visto que os textos literários nos dão mais liberdade para tramitar entre vários textos, inclusive entre os clássicos que empiricamente são considerados como literatura.

Os termos “textos literários” introduzem o indivíduo no mundo das experiências que não foram vivenciadas, ou seja, sem passar pela experiência literal, entretanto, nos escritos lidos, serão capazes de aflorar sentimentos, imaginação que mostra a humanidade.

3.1 Concepções sobre Letramento

Os conceitos de letramento em algumas literaturas consideram a escrita como princípio para o letramento, uma vez que o letramento só será possível pelo uso do sistema alfabético, ou seja, o indivíduo letrado é aquele que não somente lê, interpreta e produz material escrito, mas que ele seja capaz de fazer uso do material escrito na sociedade letrada.

Tfouni (1995), em seu livro *Letramento e alfabetização*, ressalta a falta de coerência por parte dos estudiosos quanto aos estudos da escrita, alfabetização e letramento, visto que considera que os três são indissolúveis e que estão ligados entre si.

Apesar de estarem indissolúvel e inevitavelmente ligados entre si, escrita, alfabetização e letramento nem sempre têm sido enfocados como um conjunto pelos estudiosos. (TFOUNI, 1995, p. 9).

Entretanto, acredita-se que é possível estudar por parte cada um dos objetos desde que no final haja um ponto de convergência. Nesse ponto concordamos com Tfouni (1995), uma vez que esses objetos de estudos estão ligados, pois um é consequência do outro em um processo não linear, mas cíclico por estarem em constante movimento.

A autora considera a escrita como produto cultural por excelência, faz um pequeno relato histórico da escrita, considerando que a escrita data de cerca de 5000 anos antes de Cristo e, aborda, ainda, que as civilizações modernas e o desenvolvimento científico são consequências da aquisição da escrita.

[...], a escrita pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e do desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade nas quais foi adotada de maneira ampla. (TFOUNI, 1995, p. 14).

A autora chama atenção para duas possibilidades quanto à alfabetização: a individual, que seria “o processo de aquisição de habilidades requeridas para a leitura e a escrita ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes” (TFOUNI, 1995, p. 14). Entretanto, as duas possibilidades são consideradas por ela como um processo e, se é processo, não estão completos.

Segundo a autora, a escrita é uma arma de poder e dominação e, nesse ponto, concordamos com a autora, uma vez que o indivíduo que domina os códigos linguísticos tem mais possibilidade de desenvolver a sua capacidade intelectual e ampliar o conhecimento pelo domínio da escrita e, por conseguinte, da leitura. O domínio da escrita faz do indivíduo um alfabetizado, como veremos na citação a seguir:

[...] temos então que a concepção que em geral se faz a respeito da aquisição da linguagem escrita (alfabetização) corresponde a um modelo linear e “positivo” de desenvolvimento, segundo o qual a criança aprende a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala, saindo de um ponto “x” e chegando a um ponto “y”. (TFOUNI, 1995, p. 20).

No entanto, o fato do indivíduo está alfabetizado, ou seja, dominar os códigos linguísticos. Se ele não fizer uso dessa habilidade para se mover na sociedade, estará alfabetizado, mas não letrado.

Tfouni (1995) escreve que o letramento é resultado de uma sociedade desenvolvida a partir da economia, da ciência e do avanço da tecnologia. Segundo a autora, está desconectado com a alfabetização e com a escolarização.

[...] nas sociedades industriais modernas, lado a lado com desenvolvimento científico e tecnológico, decorrente do letramento, existe um desenvolvimento correspondente, a nível individual, ou de pequenos grupos sociais, desenvolvimento este que independe da alfabetização e escolarização. (TFOUNI, 1995, p. 27).

Todavia, a autora chama atenção no qual o indivíduo, mesmo sendo letrado, mas não alfabetizado, faz uso da escrita por meio de um alfabetizado, “mas não tem acesso ao conhecimento sistematizado nos livros, compêndios e manuais.” (TFOUNI, 1995, p. 28).

Para Tfouni (1995, p. 31), “[...] letramento é um processo, cuja natureza é sócio – histórica”. Ela afirma que o letramento independe que o indivíduo saiba ler e escrever, ou seja, que o letramento pode aparecer na forma oral, para tanto ela traz alguns exemplos de letramento dentre estes de uma senhora analfabeta que desenvolveu. De acordo com Tfouni (1995), não existem iletrados, mas níveis de letramento e que o uso da palavra “iletrado” por alguns pesquisadores não é adequado. A autora, na parte conclusiva do livro, considera que o letrado analfabeto não tem o poder que o letrado alfabetizado. Ela escreve:

[...] o sujeito letrado e alfabetizado é de fato, mais poderoso do que o sujeito letrado não-alfabetizado. A inserção em uma sociedade letrada não garante formas iguais de participação. (TFOUNI, 1995, p. 97).

Acredita-se que a leitura e a escrita são duas habilidades que acontecem em tempos diferentes, ou seja, para ler a palavra escrita, o sujeito precisa dominar os

códigos linguísticos, portanto, precisa decodificar. Entretanto, isso não quer dizer que quem decodifica seja capaz de produzir textos escritos, mas poderá fazer uso deles.

[...] em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento. (BRITTO, 2007, p. 27).

O indivíduo que passa pelo processo de alfabetização está envolto ao contexto de letramento, pois após a invenção da imprensa, a sociedade pode ampliar o que antes era manuscrito, suas memórias, seus recados, suas informações e seus conhecimentos e, por conseguinte nos tornamos dependentes do escrito, uma vez que a oralidade sozinha não é suficiente para vivenciarmos em uma sociedade letrada, pois necessitamos da escrita nos diversos contextos em que estamos inseridos.

Para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras, criamos o termo letramento, ou seja, designamos por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade. (SOUZA; COSSON, 2018, p. 102).

Segundo Pinheiro (2006), a escola por ser a instituição responsável quanto à alfabetização do indivíduo, também tem o papel de desenvolver o processo de formação de leitores para que estes possam fazer uso da produção escrita pela sociedade no seu dia a dia desenvolvendo assim o letramento, ou seja, fazer uso social dos diversos escritos da sociedade.

Para se formar leitores não basta que os indivíduos saibam ler, é preciso que eles façam uso dessa habilidade. Essa preocupação com o uso resultou no aparecimento do termo letramento. (PINHEIRO, 2006, p. 24).

A autora também chama a atenção para a complexidade do conceito Letramento, visto que requer duas habilidades distintas que é a leitura e a escrita, mas que estão imbricadas, pois elas se completam na prática, entretanto, há indivíduos que ainda não se apropriaram dos códigos linguísticos, mas fazem uso do que está escrito com auxílio de um alfabetizado.

O conceito de letramento é complexo. Ele abarca dois fenômenos muito diferentes, apesar de complementares: a leitura e a escrita. [...] Em sua dimensão social, o letramento não é um atributo unicamente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social [...]. (PINHEIRO, 2006, p. 25).

Rojo (2009), em seu Livro *Letramentos múltiplos*, apresenta alguns personagens e suas práticas de letramentos. A professora que pede para um aluno ler em voz alta, um jovem maltrapilho que faz uso de um material escrito para pedir ajuda para sustentar seus filhos, uma jovem que precisa comprar remédios podendo

sacar o dinheiro no caixa eletrônico ou pagar com o cartão de crédito e o musicista praticante da umbanda que faz uso de palavras ditas por uma entidade incorporada com o auxílio de um estudioso da academia para produzir um CD, a todos estes ela chama de práticas de letramento.

Então, podemos dizer que as práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismos ou de desenvolvimento de leitura e escrita; dentre elas, as práticas escolares. (ROJO, 2009, p. 98).

O que podemos inferir é que o indivíduo após alfabetizado usará a seu favor a habilidade adquirida, ou seja, o contexto escolar é onde acontece a maior parte desse processo, entretanto, pode ser que um dos personagens citados anteriormente não tenha sido alfabetizado e esteja usando ajuda externa, ou seja, peça para alguém auxiliá-lo, como por exemplo: o rapaz que usa um bilhete para pedir ajuda, ele pode ter pedido para outra pessoa escrever o bilhete.

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. (ROJO, 2009, p. 107).

Rojo (2009) traz os termos multiletramentos ou letramentos múltiplos que, segundo ela, não podem ser ignorados ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar). Os letramentos multissemióticos são exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, e também os letramentos críticos e protagonistas que são requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos.

Diante dessas informações, o que se pode deduzir é que os analfabetos, ou seja, aquele que não conseguiu se apropriar dos códigos linguísticos, poderão ser letrados se fizerem usos de “leituras” que os façam viver e conviver em uma sociedade letrada, entretanto, diante dessa multiplicidade de letramentos nos deteremos no letramento literário termo usado por Rildo Cosson, Zilberman e outros estudiosos.

3.2 Letramento literário

Antes de tratar de letramento literário, pode-se afirmar que a leitura decodificada tem um grande valor, uma vez que o domínio das palavras escritas contribuirá para adentrar no mundo da leitura e da palavra escrita, se está em uma

sociedade em que as palavras estão em todos os lugares, nos parques, nos cardápios, nas sinalizações, no dia a dia etc.

Zilberman (2003) faz um percurso histórico sobre o caminho de construção do letramento literário a partir da literatura, desde os versos de Homero, a *Retórica para Alexandre* como também a Retórica de Aristóteles, pois tratava da arte de falar etc., ou seja, do uso do livro didático, que ela ressalta ser esse “um dos gêneros literários mais antigos do ocidente”, dá ênfase a expansão da imprensa que possibilitou a ampliação das obras literárias para a escola, sendo que essas obras priorizavam o ensino da língua e a aprendizagem de conteúdos, por sua vez, o ensino da língua estava relacionado à escrita correta.

Ela também abordou a história da educação no Brasil desde os jesuítas, em que o material didático era voltado à catequização indígena, sendo que mais à frente do tempo eles passaram a se preocupar com a educação dos jovens, contudo as obras destinadas ao ensino da língua “o controle sobre elas passa a ser exercido pelo Estado, e não mais pela Igreja.” De acordo com Zilberman (2003, p.246), as obras passaram a ser controladas pelo poder político do período, mesmo sendo produzida pelos religiosos, isso por mais de vinte séculos. Segundo a autora, “o livro com que lidavam os estudantes privilegiava o estudo da linguagem verbal. A Retórica e a Gramática, que originalmente incluía o conhecimento da tradição literária”.

O letramento colocou-se então na base, e a ciência dos dicionários ajudou a consolidação do saber linguístico. Ao final do processo, a literatura, ou a poesia, como era então denominada, porque a teoria da leitura em voga pressupunha o aprendizado do alfabeto para se alcançar sua expressão mais elevada – a que os artistas da palavra tinham utilizado. (ZILBERMAN, 2003, p. 247).

Segundo Zilberman (2003), os fatores históricos explicam porque o livro didático foi considerado como gênero literário, visto que “ele lida basicamente com o mundo das Letras.” Além de englobar “a tradição literária”, ele atua “como seu portador mais credenciado”.

Se a função das primeiras cartilhas, antes do século XVIII, era dar, a saber, e utilizar o alfabeto, enquanto condição para a prática da leitura, silenciosa ou em voz alta, não competia determinar em que língua se faria a atividade de deciframento da escrita. (ZILBERMAN, 2003, p. 247).

A história mostra de que maneira a língua vernácula passa a ser ensinada na escola, pois antes do século XVIII, não era levado em consideração o ensino da gramática por acreditar que o aprendizado da língua acontece de forma natural, ou seja, no dia a dia, nas relações pessoais.

A passagem do século XVIII para o XIX assistiu à mudança de panorama: tornava-se tarefa do ensino o estudo da língua nacional, doravante também denominada “materna”, não porque as pessoas tivessem-na esquecido, mas porque o Estado burguês, modelo que se tornava hegemônico na Europa posterior à revolução Francesa, necessitava de um padrão linguístico homogêneo, que representasse a unidade de um país. (ZILBERMAN, 2003, p. 248).

Conforme Souza e Cosson (2018, p. 101), “[...] Ler é fundamental em nossa sociedade porque tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente pela escrita.” Letramento literário seria a capacidade de interagir com o texto literário, fazer relações com outros textos, chamado de intertextos, buscando quem, onde, o que, fazendo os questionamentos necessários para compreender as ações, as entrelinhas, as interjeições, o imaginário na literatura. O letramento literário vai além da capacidade de decodificar um texto pelo domínio do sistema alfabético.

[...] é importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. (SOUZA; COSSON, 2018, p. 103).

Entretanto, o que seria essa atualização permanente? Seria ler quantitativamente na proporção em que são produzidas as literaturas? Seria ler qualitativamente, ou seja, ler somente material qualificado como literatura pela comunidade intelectual?

São perguntas como sugestão para os pesquisadores, visto que nesse trabalho monográfico não será possível responder a essas questões, portanto, retorna-se ao letramento literário. Souza e Cosson (2018) dão ênfase quanto à escolha de um texto literário que, segundo eles, pode ser feito pelo leitor, mas não é de forma livre, ele será conduzido de alguma forma a fazer a escolha.

Cosson (2016) também faz críticas sobre o uso ou não uso da literatura na escola. Ou pela escolha do professor ou por causa de currículos, ele aborda o fato de a literatura ser desprezada por causa da linguagem rebuscada, ou seja, por pertencer a outro século. Nesse sentido, ele está escrevendo sobre o chamado cânone, que é ignorado por professores por considerarem que não atraentes para o alunado; ele afirma que:

Em qualquer que seja das situações acima descritas, estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. [...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. (COSSON, 2016, p. 23).

Para Cosson (2016), a leitura de textos literários não é suficiente para a formação do letramento literário, pelo contrário, ele considera que isso causa resistência para a formação literária. O autor chama atenção para algumas pressuposições.

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura [...] os livros falam por si mesmos ao leitor. [...] ler é um ato solitário. (COSSON, 2016, p. 27).

Ao afirmar que a simples atividade de leitura literária não forma um letrado literário, deixa um vácuo para o professor que acredita que a leitura literária estimulará o aluno a gostar de literatura, entretanto, reafirma que essa leitura poderá produzir no indivíduo a resistência à leitura literária e, para tanto, ele chama atenção a pressuposições como: ler é um ato solitário e que os livros falam por si.

A leitura, segundo um dos pressupostos de Cosson (2016), é a autonomia do leitor que escolhe o que ler, e ler sem ter que fazer alguma coisa em troca, ou seja, devolver em forma de resumo a leitura, fazer interpretação como atividade escolar, mas relacionar-se com o escritor através da troca de sentidos do texto entre o leitor e o escritor.

[...] o pressuposto básico é de que o aluno leia a obra individualmente, sem o que nada poderá ser feito. [...] Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. (COSSON, 2016, p. 27).

Quando Cosson coloca como pressuposto básico a leitura individual, entende-se que o sujeito, ou seja, o aluno foi treinado antes. Para uma tomada de ação, houve uma construção anterior. É assim que entendemos que o aluno depois de ter sido treinado será capaz de decidir ou de escolher o quê e quando ler. Concorde-se que entre o leitor e o escritor há troca de sentidos que faz com que o leitor se veja em sociedade de muitas vozes.

Na escola, a escolha da literatura a ser lida segue alguns ditames, segundo Cosson (2016), tais como: os programas de seleção de textos feitos pela escola para a fluência da leitura ou quanto a valores a serem trabalhados, quanto à faixa etária ou série escolar, também segundo as condições oferecidas na escola. A

escolha também pode ser a partir do professor, ou seja, aquilo que ele leu acaba selecionando para o aluno.

Na escola, outros fatores são acrescentados à seleção da literatura. O primeiro diz respeito aos ditames dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com os fins educacionais [...] O segundo traz a questão da legibilidade dos textos, que separando os leitores segundo a faixa etária ou série escolar [...] O terceiro está relacionado às condições oferecidas para a leitura literária na escola. [...] O quarto [...]. Trata-se do cabedal de leituras do professor. (COSSON, 2016, p. 32).

A escolha da literatura deve ser diversificada, vários autores, obras e gêneros, contudo, não se pode abandonar o cânone literário, visto que tem relação com a identidade cultural do país. Ele orienta que, além da literatura contemporânea e atual, também deve ser considerada a diversidade literária que faz parte do processo de letramento literário.

Dessa maneira, têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos. (COSSON, 2014, p. 33).

A literatura a ser trabalhada deve ser escolhida pelo leitor, se o mesmo tiver oportunidade de escolher, no entanto, um cardápio com opções, às vezes, vem em forma de catálogo que provavelmente não foi o leitor que o colocou ali, mas alguém o fez e teve seus critérios para escolher, entretanto essa é uma discussão que também não faz parte da pretensão deste trabalho, pois se acredita nas cinco leis de Ranganathan que:

Os livros são para serem usados [...] Todo leitor tem seu livro [...] Todo livro tem seu leitor [...] Poupe o tempo do leitor [...] Uma biblioteca é um organismo em crescimento. (PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO, 2017, grifo do autor).

O letramento literário sempre acontecerá a partir de uma fonte de leitura, seja aquela escrita no passado ou na atualidade, pois como nos relata Cosson (2014, p. 34) “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não”. Ele expõe três formas pelas quais muitos professores fazem as escolhas das literaturas a serem oferecidas aos estudantes para desenvolver o processo de letramento, mas ele sugere que se façam as escolhas da literatura combinando as três formas, ou seja, buscar o equilíbrio entre as três formas apontadas no seu livro “Letramento literário: teoria e prática”, ou seja, não deve desprezar o cânone literário, os textos não devem ser apenas contemporâneos e também buscar a diversidade de textos.

[...] o que se propõe aqui é combinar esses três critérios de seleção de textos, fazendo-os agir de forma simultânea no letramento literário. Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. (COSSON, 2014, p. 35).

Usar critérios na escolha do que se ler é um caminho a ser seguido e certamente quem trabalha para o letramento literário não pode desprezar o cânone, ou seja, os clássicos da literatura, sendo que se estes estiverem em uma versão com uma linguagem mais atualizada é o ideal, assim como também a busca por uma literatura de conteúdo diversificado. Cosson (2016) não só aborda a questão da escolha da literatura, mas traz em seus escritos que a leitura acontece de forma linear, a partir de três etapas que, para ele, são o caminho a ser percorrido pelo leitor.

[...] três modos de compreender a leitura devem ser pensados como um processo linear. A primeira etapa, que vamos chamar de antecipação, consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito [...] os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. [...]. A segunda etapa é a decifração. [...] terceira etapa de interpretação. [...]. Por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. (COSSON, 2016, p. 40).

Entende-se o valor e a importância das três etapas citadas por Cosson, mas não se pode esquecer de que o domínio dos códigos linguísticos é necessário, pois o pretense leitor pode até superar a primeira etapa, mas a segunda etapa que é a decifração, ou seja, entender o significado das palavras por si só, já não poderá fazê-lo, assim como a terceira etapa que é a interpretação de forma autônoma. Segundo Cosson (2016, p. 42), são essas três etapas do processo de leitura que guiam a sua proposta de letramento literário.

O letramento literário não ocorrerá de forma natural, será necessário treinamento e isso ocorrerá pela mediação que poderá ser feita por um bibliotecário, professor, agente cultural ou por qualquer pessoa que esteja interessada na formação de um leitor que seja capaz de fazer escolhas quanto aquele texto literário o qual pretende ocupar o tempo. A mediação de leitura pode acontecer em diversos espaços, mas o foco será acerca do espaço escolar que é, em tese, o primeiro lugar de contato com o texto literário da maioria das crianças brasileiras.

4 O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A mediação da leitura é de suma importância no processo para a formação de leitores, pois o mediador dará o norte, ou seja, o direcionamento quanto à escolha da literatura para o leitor iniciante, assim também o mediador possibilitará o acesso a diversos gêneros literários é o que será abordado a seguir.

4.1 O processo de mediação da leitura no espaço escolar

Fala-se tanto em formação de leitores, todavia, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em sua quarta edição, é um estudo quantitativo feito para a identificação do leitor, que considera a leitura de uma folha de livro como prática leitora, mas não leva em consideração a sociedade ou compreensão do que foi lido nem mesmo as ações de mediação da leitura, segundo alguns estudiosos a mediação da leitura é o caminho para a formação do leitor.

Bortolin (2010), em sua tese, traz como objeto de estudo a mediação oral da literatura, para formação de leitores.

[...] a prática da mediação de leitura. [...] é um ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia exerça plenamente seu papel de cidadão. (BORTOLIN, 2010 p. 107).

Apesar de mediação de leitura ser um tema tão debatido, ainda não deixou de ser relevante, pois embora haja tantos projetos e pesquisas na área, ainda não se pode considerar um país de leitores, no sentido de ler pelo simples prazer de ler, a leitura ainda está muito ligada aos intelectuais, pesquisadores etc.

A leitura desarticulada da obrigação, isso em relação às atividades escolares ou universitárias, ainda não é realidade, pois a leitura deveria ser uma prática desde a primeira infância iniciada no ambiente familiar, mas não é realidade na maioria das famílias brasileiras. A leitura mediada pelos familiares ou responsáveis pela criança poderia desenvolver o hábito da leitura, entretanto ainda não é assim com a maior parte da população.

[...] mediação, de que gênero for, é um ato eminentemente intencional em que o sujeito mediador e o sujeito mediado, por mais que busquem ser isentos, influenciam e são influenciados pelos seus valores pessoais e ideologias. (BORTOLIN, 2010, p. 113).

A intenção na mediação com o leitor não é influenciá-lo ideologicamente, mas contribuir para a libertação das palavras, no caso do livro; pois é necessário o indivíduo abrir as páginas e evoque as palavras para que estas penetrem nas

entranhas do seu ser e faça o que tiver que ser feito. Se valores, se ideologias, conceitos, preceitos, risos choros, não importa o que aconteça, a mediação tem que causar efeito de sua ação.

Deve ser como alimentar um faminto que se nega a abrir a boca, mas que precisa desse alimento para sustentar o seu pensar, um pensar crítico que, de seus lábios soem em forma de palavras construídas no seu ser, que precisaram adentrar nos labirintos de seu cérebro.

O estudante de Biblioteconomia ao ingressar no curso ainda não tem ideia da responsabilidade que repousa sobre a sua ação, sobre o fazer da profissão, principalmente quanto ao processo da formação de leitores críticos, pois não é somente disponibilizar o livro apesar de ser um passo, mas vai além de ofertar o livro, é criar no outro a necessidade de ler.

Todo processo requer tempo e disposição para prosseguir, quando se o termo processo é porque se quer esse tempo para alcançar, se não o objetivo final, pelo menos os objetivos processuais, para tanto, buscam-se algumas definições de termos que são necessários ao entendimento.

Mediação é uma palavra muito usada em vários contextos, mas como o subtítulo já expressa, será tratada a mediação como estratégia para formação de leitores; certamente o termo estratégia também é usado em vários contextos, entretanto, será utilizado como método, caminho para atingir um objetivo, isto é, a formação de leitores.

A conceituação das palavras mediação e estratégia serão feita de forma sucinta para não cair na repetição, contudo, pretende-se deixar claro qual definição interessa para este trabalho. “A mediação da leitura pressupõe a formação do mediador enquanto leitor e leitor de textos literários.” (RÖSING, 2009, p. 137).

O livro organizado por Rösing (2009) traz propostas de oficinas de como formar mediadores de leitura tendo como público alvo professores de ensino médio e fundamental e sugere vários passos para alcançar os objetivos, entretanto não se tem a intenção de seguir suas sugestões por acreditar que é possível formar leitores que podem ser mediadores, independentemente deste ser professor ou não, na realidade, qualquer pessoa pode ser mediadora de leitura desde que esse seja também um leitor, nesse ponto, pode-se concordar com Rösing (2009).

A mediação de leitura que se quer enfatizar não se dar em contar história, mas na leitura de textos escritos, ou seja, o livro físico ou virtual será considerado na

mediação que se dá pela oralidade, o mediador ler em voz alta interpretando o conteúdo narrativo. Contar histórias tem o seu valor no processo de mediação leitora, entretanto, o foco será na mediação entre o livro e o leitor ouvinte através das palavras escritas e narradas com auxílio dos diversos recursos da voz.

Toda fala escrita ou oral tem a sua especificidade. A escrita, por exemplo, congela um texto e a oralidade dispersa. Outra característica que as diferencia é que a oralidade não exige comprovação da autoria, a escrita sim. (BORTOLIN, 2010, p. 37).

Pretende-se que aquele que ouve seja capaz de ecoar com sua voz o que está escrito, pois se acredita que a palavra escrita deve saltar para os ouvidos de quem ouve e penetrar em sua alma, ou seja, no seu entendimento. A oralidade que estamos enfatizando é a tradicional (ancestral) e não a mediatizada por tecnologias.

Oralidade ancestral é o ato humano de expressar ideias e sentimentos com voz viva, e a nova oralidade é a transmissão oral mediada por uma tecnologia, sendo ela simples ou sofisticada. (BORTOLIN, 2010, p. 43).

Acredita-se que jovens poderão também ser mediadores de leitura e mediar, por intermédio de redes sociais, por ter lido algum título. e por ter gostado pode compartilhar com outros. É o que se percebe com os movimentos em rede principalmente no *Youtube*, que já tem alguns jovens que, ao lerem comentam sobre a obra lida e despertam em outros jovens o interesse em ler a obra.

Contudo, também não se pretende enfatizar essa forma de mediação, pois o que se objetiva neste trabalho é descobrir jovens mediadores no espaço escolar que estejam dispostos a mediar leituras para crianças menores que poderão ultrapassar os muros da escola.

Martins (2016), em seu artigo “Letramento literário e processo de formação de leitores no ambiente escolar”, faz uma apresentação histórica dos estudos sobre letramento. A autora enfatiza que os estudos no Brasil sobre letramento têm como linha de pesquisa o letramento e sua relação no processo de alfabetização.

Nesta relação entre alfabetização e letramento, a autora traz em seu texto a pesquisadora Magda Soares que faz distinção entre o letramento e a alfabetização, considerando que, apesar dos termos serem distintos, o ideal seria “*alfabetizar letrando*”, “[...] ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Martins (2016) também afirma que:

A convivência com uma diversidade de textos em espaços que propiciem um ambiente favorável para o desenvolvimento da leitura e da escrita se constitui na condição ideal para formar leitores. (MARTINS, 2016, p. 565).

O contato com diversidade de textos segundo Martins(2016), proporciona as crianças o ambiente para o desenvolvimento da leitura e da escrita, ou seja, a criança que em seu lar está envolta em livros, seus pais são leitores, prepara de forma favorável o ambiente para desenvolver o leitor, entretanto sabemos que essa propositura não é diretamente proporcional, mas é uma possibilidade.

[...] grande parte das crianças brasileiras, dadas as condições econômicas de suas famílias, não dispõe de livros literários em casa e é somente na escola que vai acontecer o encontro da criança com o livro literário. Portanto, esse encontro se efetiva por meio da mediação dos educadores, em destaque os professores e os bibliotecários, profissionais responsáveis em promover a leitura de diferentes textos, mas aqui em particular, do texto literário. (MARTINS, 2016, p. 566).

Reconhecemos que os livros bem produzidos quanto a sua estrutura física não são muitas vezes acessíveis à maioria das crianças brasileiras, entretanto também se sabe acerca da produção de livros de qualidade inferior no que concerne a sua estrutura física, mas de conteúdo interessante e de fácil acesso, na questão econômica; mas por não fazer parte da prática das famílias brasileiras desenvolverem leituras com os filhos até mesmo esses livros “baratos” por vezes não são disponibilizados nos lares.

Os pais seriam os primeiros mediadores das crianças se a leitura no Brasil já tivesse sido entranhada culturalmente nas famílias brasileiras, mas ainda há um grande percurso a percorrer, e é nesse sentido que a escola acaba sendo o primeiro espaço de encontro entre o livro literário e a criança, ou seja, da maioria das crianças e é nesse momento que o professor e ou o bibliotecário tem importante papel enquanto mediador.

Na perspectiva de literalizar a escolarização infantil, vale ressaltar a importância da mediação da leitura no processo de formar leitores por meio de textos literários, cujas escolhas ou seleção desses textos são de responsabilidade dos mediadores, como professores e os bibliotecários. (MARTINS, 2016, p. 568).

O processo de mediação pode acontecer em qualquer espaço, entretanto no espaço escolar o ideal é que seja na biblioteca, pois além do contato com o acervo, o sujeito-leitor pode ser aquele que decidirá o que ler, mas não se descarta o papel do professor e ou o do bibliotecário no processo de seleção de livros, já que se acredita que tanto o professor quanto o bibliotecário possuem experiência enquanto leitor e poderão indicar livros literários para o interessado em ler.

O processo de mediação envolve a seleção de livros de qualidade literária, evitando-se que o aluno-leitor tenha acesso apenas a fragmentos de textos literários, comumente apresentados nos livros didáticos cabendo à biblioteca escolar um papel fundamental como espaço de mediação da

leitura e de democratização do acesso aos diferentes gêneros textuais. (MARTINS, 2016, p. 568).

Textos fragmentados que são ofertados nos livros didáticos podem ser que estimulem o aluno à leitura, mas também pode ser o princípio de um ranço, ou seja, a aversão à leitura literária pelo fato do aluno acessar apenas parte de uma obra literária que muitas vezes tem por objetivo trabalhar apenas a gramática, mas se os textos do livro didático contribuem ou não para a formação de leitores não será assunto a ser abordado, uma vez que os livros literários são o que nos interessa nessa pesquisa.

4.2 Formação de leitores

Freire (1989), no seu livro *A importância do ato de ler*, chamou atenção para o exercício da escrita e da leitura, sendo que o mesmo antecipa a sua linha de pensamento quanto à leitura ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, apesar de Freire destacar a leitura do mundo, ele também aponta a decodificação no processo da leitura da palavra não como um fim, mas como um começo para a interpretação crítica. “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1989, p. 9).

Freire (1989) traz à lembrança da infância do mundo que vivia, de sua experiência entre árvores e animais em que a escrita se dava na terra debaixo das árvores e enquanto escrevia o seu texto para uma palestra, são as lembranças que vão lhe dando as palavras para o mesmo e, assim, ele vai vivenciando pela lembrança o seu mundo infantil usando as palavras e construindo o seu texto sobre a importância do ato de ler. Ele relembra a professora que o ajudou a aprofundar o uso da palavra escrita, pois já chegou à escola alfabetizado:

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo [...] ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos [...] já estava alfabetizada. [...], com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. (FREIRE, 1989, p. 11).

Em seu texto, aborda o período em que foi professor de língua portuguesa no ginásio, momento em que considerava a leitura e a escrita como indicotomizáveis, ou seja, o estudo dos textos não se dava por partes, mas no seu todo. O autor faz uma crítica aos professores que insistem em exigir dos alunos uma quantidade de livros ou de leituras para que se cumpra uma extensa bibliografia da sua formação científica.

Ainda hoje é uma realidade na graduação, entretanto não é realidade na educação básica, pois o livro didático preenche esse espaço, já que não compete ao professor definir que leituras serão utilizadas no período, pois as mesmas já estão postas no livro didático.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, em sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que as vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras “lições de leitura” no sentido mais tradicional desta expressão, [...] através do famoso controle de leitura. (FREIRE, 1989, p. 12).

Bajard (2014, p. 35), em “Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem”, afirma que há “Fenômenos que bloqueiam a universalização do ensino: a entrada tardia do aluno, a repetência e a evasão.” Hodiernamente, o grande entrave da universalização do ensino é o sistema escolar que acontece em ciclos em que as crianças passam por etapas sem vencer o analfabetismo, ou seja, o primeiro ciclo tem duas etapas que, a partir de então, a criança deverá ser alfabetizada.

A criança inicia aos seis anos de idade a primeira etapa e, mesmo sem ler, passa para a segunda etapa, sendo que no terceiro ano a criança poderá ficar retida, mas acaba chegando ao segundo ciclo sem decodificar as palavras.

Dos três entraves, a evasão ainda poderia ser considerada, em maior número de casos, pois a entrada tardia e a repetência nesse novo sistema, ou seja, o sistema de ciclos pode ser considerado superado, entretanto a evasão ainda é um entrave, não que o sistema em ciclos seja um sucesso, pois o mesmo continua gerando analfabetos.

Bajard (2014) menciona Edmir Perrotti quando este aborda a ausência de bibliotecas escolares efetivas enquanto instrumento de aprendizagem, ou seja, como instrumento no processo de alfabetização. “O papel da biblioteca ainda é tão menosprezado entre nós, que, no cotidiano escolar, a alfabetização se efetua sem livros.” (BAJARD, 2014, p. 36). Ele embasa o desenrolar do conteúdo deste livro a partir do “Programa Serviços de Informação em Educação (Proesi)” que se utiliza de três bibliotecas como laboratório, mas ressalta que não somente as três bibliotecas, mas outras experiências institucionais também servem como norteadoras do conteúdo do livro. A oralidade e a imagem contribuem para a construção dos sentidos de um texto.

Nossa experiência do teatro, área tradicionalmente dedicada a transmissão vocal do texto, nos ajudou a identificar essa atividade distinta da leitura e a encontrar na semiologia teatral os instrumentos teóricos necessários à sua descrição. (BAJARD, 2014, p. 39).

O autor menciona sobre a sala de leitura nas escolas públicas de São Paulo que tem como objetivo “desenvolver as atividades próprias do programa: hora da história, hora da poesia, pesquisa bibliográfica, leitura livre, dramatização e empréstimo”; “construção de jornais, festival de poesia, festival de música, organização da documentação histórica do bairro, montagem de álbuns de fotos, sessões de vídeo e slides”. Segundo Bajard (2014, p. 41):

A escola deve oferecer muitas atividades de comunicação oral e escrita, pois é através delas que a aprendizagem se realiza. [...] Ler é saber construir sentido a partir de um significante escrito cuja coerência se encontra ao nível do texto inteiro.

Bajard (2014) chama atenção para o fato de que leitura é resultado de interação entre o leitor e o texto, ou seja, produto da relação do leitor com a leitura do texto e que essa relação não é somente a decodificação dos sinais gráficos, mas do discernimento do que foi lido. Esse discernimento se dá pelo conhecimento prévio do significado das palavras ou pelo contexto em que as palavras estão inseridas.

A leitura é o produto de uma interação entre o leitor e o texto, e não decodificação de um significante, desvelamento de um sentido preexistente; convocando seus referenciais culturais, o leitor constrói o sentido do texto. (BAJARD, 2014, p. 47).

O sentido do texto é desvelado no processo da decodificação, ou seja, enquanto o leitor ler as palavras, o significado é mostrado pelos seus referenciais culturais e acontece essa construção. Se o texto não tiver imagens, as imagens são construídas no cérebro contribuindo para a construção dos sentidos do texto.

Exemplo: se o texto tiver a palavra “flor”, a imagem da flor aparece no pensamento do ouvinte de uma forma singela, como se fosse um desenho infantil, mas se o texto tiver as palavras rosa vermelha, e se o leitor já tiver tido contado com uma rosa vermelha, é essa imagem que virá em seus pensamentos.

Quando a leitura de um texto mediada por um leitor para o ouvinte, o leitor poderá mostrar ao seu ouvinte as imagens se o texto oferece essas imagens, mas se não tem imagens as palavras que se referirem a algum substantivo poderá ser provocada a imagem nos pensamentos do ouvinte pelo leitor.

A escola é um dos primeiros espaços em que a criança terá contado com a literatura que se supõe seja para a leitura e não para justificar a existência de um

espaço chamado biblioteca ou cantinho do livro de uma escola, sendo assim a biblioteca seria o espaço de em que a mediação dar-se-ia, ou seja, a mediação entre o livro e o leitor ouvinte. A biblioteca é tida por alguns como um instrumento no processo do ensino e aprendizagem, é o que abordado a seguir: a biblioteca escolar como espaço de mediação.

4.3 Biblioteca escolar: espaço de mediação de leitura

Segundo Hilleshem e Fachin (1999) a biblioteca escolar é um recurso e um instrumento no processo de ensino e aprendizagem.

Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessário a utilização de recursos que facilitem a integração e a dinamização do processo ensino-aprendizagem e entre os recursos existentes, destaca-se a Biblioteca Escolar, instrumento indispensável como apoio didático-pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas. (HILLESHEIM; FACHIN, 1999, p. 65).

A biblioteca escolar pode até ser considerada como instrumento e apoio pedagógico no processo de ensino e aprendizagem, mas pode-se dizer que, enquanto se pensar na biblioteca escolar apenas como ferramenta, não está sendo dado a ela o valor que ela tem no contexto escolar.

Em escolas de periferia em que o uso de tecnologias como computadores com acesso à internet ainda não é realidade na maioria dos municípios brasileiros, o poder público não poderia negar a essa massa da população espaços como a biblioteca escolar equipados com literatura diversificada, livros como fonte de pesquisa e o profissional da área que pode contribuir com a busca da informação necessária ao desenvolvimento do conhecimento.

O conhecimento humano tem multiplicado e o mesmo está disponível em suportes que precisam ser manipulados, dentre estes suportes estão os livros. O profissional da biblioteconomia pode contribuir muito no resgate da informação, contudo, a biblioteca escolar ainda não é uma realidade nas escolas públicas, assim como também o profissional bibliotecário atuando nestas.

[...] o profissional responsável pela Biblioteca Escolar não se restringirá apenas a facilitar o acesso à informação, mas se responsabilizará pela proposição de atividades de motivação, que estimulem o hábito de leitura, o gosto pela pesquisa, o próprio prazer pelo estudo e de ampliar conhecimentos. A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno necessita investigar, e a biblioteca é o centro de investigação tanto como o é um laboratório. (HILLESHEIM; FACHIN, 1999, p. 71).

A biblioteca escolar quando for o centro de investigação, o cérebro da escola, receberá o devido valor, porém enquanto for tida apenas como um apêndice da escola, não cumprirá o seu papel social e cultural de forma plena, mas apenas parcial.

A biblioteca da escola pública municipal U.E.B. Artur Azevedo tem por nome Biblioteca Paulo Freire, segundo a direção da escola. O nome não está na entrada da sala destinada à biblioteca, pois a mesma não tem uma placa que identifique como sendo uma biblioteca, muito menos o nome Paulo Freire, mas a trataremos por esse nome.

A biblioteca Paulo Freire é um espaço que está sempre fechado, não recebe a atenção da limpeza, somente quando é solicitada a limpeza, como foi solicitado algumas vezes. A biblioteca tem quatro prateleiras, um armário, um baú, quatro mesas, dezesseis cadeiras, algumas prateleiras com brinquedos, seis carrinhos que podem ser levados para a sala com livros.

A biblioteca não está organizada de maneira que facilite o acesso à informação, não tem um profissional da biblioteconomia que faça o controle da literatura, tanto quanto a chegada ou saída de exemplares não há uma contagem, ou seja, não se sabe a quantidade de obras que compõem o acervo.

[...] o papel da escola enquanto instituição legitimadora de bens literários ganha destaque, pois as práticas de leituras escolares têm papel importante na formação do *habitus*, ou seja, o conjunto de disposições responsáveis pela recepção e pela apreciação dos bens simbólicos, entre eles a literatura, que circulam socialmente. (VERSIANI, 2003, p. 25).

A literatura da biblioteca Paulo Freire está adequada à faixa etária alcançada pela instituição, cuja idade vai dos seis aos catorze anos, porém alguns alunos estão acima da idade limite no ensino fundamental anos finais.

5 PROJETO GELADEIROTECA: uma experiência de leitura na escola pública municipal em São Luís - MA

Projetos são práticas nas escolas da atualidade, pois proporciona aos alunos experiências inovadoras de aquisição do conhecimento, por isso o projeto Geladeiroteca foi desenvolvido em uma escola da Rede Municipal de São Luís.

5.1 Caracterizações do projeto de leitura Geladeiroteca

A Escola Municipal U.E.B. Artur Azevedo desenvolveu um projeto chamado Geladeiroteca que iniciou no ano de 2015, com o objetivo de formar leitores.

O projeto Geladeiroteca teve o apoio da Alcoa, a partir de outro projeto com o título ECOA, que tinha como objetivo trabalhar a ecologia, por essa razão o título partiu de uma geladeira que seria descartada no lixo, foram quatro geladeiras doadas por uma empresa que vende geladeiras.

O que seria a Geladeiroteca? É uma geladeira que foi customizada pelos alunos do turno vespertino e, em seu interior, foram colocados livros literários infanto-juvenis, pois o projeto foi de iniciativa dos professores do ensino fundamental anos iniciais no turno vespertino.

O projeto foi sofrendo algumas adaptações para se tornar mais atrativo quanto ao incentivo à leitura, porque os professores queriam estimular a escrita dos alunos e também envolvê-los no abastecimento da geladeira, então em 2016, houve uma mudança em que ao invés de livros foram colocadas garrafas PET com poemas e pequenas histórias, muitas delas copiadas pelos alunos, já em 2018 novamente foram colocados livros e uma estante do lado também com livros.

As geladeiras foram customizadas pelos alunos da escola, uma das geladeiras foi doada a outra escola da rede municipal, UEB Zebina Eugenia, ficando a cargo dela o abastecimento com livros; duas geladeiras foram doadas para a associação de moradores, entretanto essas foram colocadas ao ar livre e as partes das prateleiras foram levadas por alguém da comunidade, entretanto não chegaram a colocar livros nessas geladeiras, apenas uma geladeira ficou na escola e esta é abastecida com livros da biblioteca e algumas doações.

Os responsáveis pelo projeto eram os professores do turno vespertino, contudo, com o passar dos anos o projeto ficou sob a responsabilidade de poucos professores, pois alguns saíram da escola e isso fez com que o projeto quase fosse abandonado, entretanto os professores que ficaram continuaram insistindo para que

se mantivessem os livros na geladeira, mas não somente na geladeira, foi colocada uma estante ao lado da Geladeiroteca para que os alunos menores pudessem também acessar a literatura.

Figura 1 – Entrega das geladeiras pela empresa doadora



Fonte: Arquivo da escola

A empresa entregando as geladeiras que foram doadas para o projeto Geladeiroteca. Eles trouxeram até o bairro Pedrinhas e entregaram na data marcada. Foram 4 geladeiras da marca Brastemp.

Figura 2 – Customização da geladeira



Fonte: Arquivo da escola

As geladeiras sendo customizado pelos alunos, cada aluno tiveram a oportunidade de se expressar pela pintura e desenhos, usaram tinta spray de várias cores.

5.2 Projeto Geladeiroteca: análise da opinião dos alunos e Professores

Ao observar a geladeira na escola percebemos que a geladeira com livros tornou-se um artefato incorporado no espaço escolar, era um artefato que fora naturalizado no espaço escolar, os alunos buscavam livros, mas logo deixavam por perceberem que os livros eram os mesmos, foi à percepção que tivemos a partir da observação *in lócus*.

O início do processo de observação no campo de pesquisa foi no dia 29 de agosto de 2018, cujo foco foi observar como a Geladeiroteca era utilizada pelos alunos no espaço escolar. Nesse primeiro dia, alguns alunos, durante o intervalo para o lanche, pegaram livros e folheavam, mas logo em seguida, os colocavam de volta, sem muito interesse em continuar a leitura dos livros escolhidos.

A parti daí, foram realizadas atividades de intervenção de leitura por parte da pesquisadora, em que foram convidados os alunos do sexto, sétimo e oitavo anos para uma roda de conversa sobre os livros da Geladeiroteca, de modo a uma verificação quanto aos livros que as crianças já haviam lido, o que eram lembrados pelos leitores e que era possível ser discutido sobre as leituras realizadas..

O convite foi feito em sala de aula para participarem de uma roda de conversa que foi gravada no smartphone, mas antes se pediu que os alunos fossem até a Geladeiroteca e pegassem algum livro que já tivessem lido para uma conversa sobre os livros. Assim, foram feitas as seguintes perguntas: qual o livro da Geladeiroteca você já leu? Quem mandou você ler? O que você achou do conteúdo do livro? As referidas perguntas resultaram na formação do quadro a seguir, que é o demonstrativo dos livros citados pelos alunos que leram voluntariamente e também por sugestão dos professores.

Quadro 1 - Algumas referências feitas pelas crianças durante algumas conversas

Autores	Títulos	Gêneros	Indicação
Cecilia Meirelles	O menino azul		Espontânea
Ferreira Gullar	A estrela e o gatinho	Poema	Espontânea
Cristiana Libânio	Curie, O micróbio cientista.	Conto	Filosofia
Evoluir	O menino que queria encontrar o começo de tudo		Espontânea
Rosana Fernandes Calixto Rios	Paca, tatu, cutia? Não!		Espontânea
Bia Monteiro	E se o ar acabar?		

FONTE: própria autora

Após a primeira observação participante com um grupo de dezoito alunos, pode-se colher poucas informações sobre o papel da Geladeiroteca no espaço escolar, por isso foi formado um grupo de três alunas e chamado de grupo roxo, em que foram feitas as seguintes perguntas: o projeto Geladeiroteca alcançou o objetivo, ou seja, o de formar leitores? Vocês já pegaram livros da Geladeiroteca para ler?

Vocês costumam pegar livros na biblioteca? Para a primeira pergunta as estudantes do grupo roxo foram categóricas ao afirmar que o projeto não alcançou os objetivos, pois só se interessaram pelo projeto quem já lia e elas já se consideravam leitoras.

Quadro 2 – O projeto Geladeiroteca e o alcance do objetivo de formar leitores

“Olha não, porque não saiu do papel ele ficou aqui na escola e as geladeiras que saíram não tem livro, não está nos lugares que agente escolheu pra ficar com as regras que a gente queria...”

“É e também porque como ela disse elas saíram, mas não tinha livro ficaram três geladeiras na associação ao invés de ficar uma ali e em outros lugares ficaram tudo em um só lugar e tá tudo aberto como se as pessoas estivessem bagunçadas as coisas e não tem livros também”

FONTE: Própria autora

Observou-se na fala das meninas um sentimento de frustração quanto ao artefato geladeira por verem todo o trabalho não concretizado como elas queriam o que resultou em desânimos quanto a querer dar continuidade ao projeto, ou seja, a resposta que deram não foi quanto ao objetivo de formar leitores e sim quanto aos locais que ficariam as geladeiras e por isso insistiu-se com a pergunta se a Geladeiroteca havia alcançado o objetivo de formar leitores e se havia livros na geladeira.

Elas responderam que não tinha, mas foi informado a elas que havia uma prateleira com livros dentro da geladeira e elas responderam que os livros não eram interessantes. A pergunta seguinte foi: Vocês já pegaram livros da Geladeiroteca para ler? A essa pergunta, elas responderam que sim, mas que os livros que estavam lá eram muito infantis e citaram alguns títulos como: “Fala sério amiga”, “O roubo do menino dourado”, “Poliana”, “O mistério do hotel”.

Quanto à última pergunta, as respostas vieram em forma de denúncia, disseram que a biblioteca não tinha livros interessantes e se tinha era muito difícil de encontrá-los, mas que também o acesso à biblioteca não era possível, pois sempre estava fechada e que às vezes nos dias de limpeza, era quando elas tinham acesso à biblioteca.

As alunas falaram que os livros que estão na Geladeiroteca não são interessantes, pois são muito infantis, por isso, não eram atraentes para elas, e que na biblioteca a maioria dos livros eram didáticos e que faltava diversidade de gêneros, como livros de aventura, mistério, ficção científica, romance etc. Perguntou-se também se elas sabiam quem escolhiam os livros para a biblioteca e uma delas

respondeu que vinha de doação, mas não tinha certeza. O outro grupo foi formado por três professores da escola, realizou-se a observação participante, cujos resultados são apresentados no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Opinião dos professores sobre a Influência do projeto Geladeiroteca para o processo de formação de leitores

Professor 1 – Eu acho que o projeto é bem importante, pois podemos aliar com o nosso planejamento e assim estimular o gosto pela leitura, pois é o maior entrave nas crianças o gostar de ler. Esse projeto vem somar com o trabalho do professor pois nos ajuda no processo de ensino e aprendizagem.

Professor 2 – eles pegam livros por conta própria está mais fácil está a vista, eles mesmo pegam livros as vezes quando chego na sala eles estão lá folheando é também importante porque a gente não precisa tá organizando para levar a biblioteca, fica mais burocrático e assim não, o livro tá na frente dele, as vezes eles estão sem fazer nada ai eles pegam o livro, só não sei se a gente pode medir se aumentou ou diminuiu o interesse pela leitura, mas a gente observa eles folheando esses livros.

Professor 3 – eu tenho escritos que eles fizeram lá da geladeira é um projeto que culminou com o projeto de leitura da manhã que nós fazemos todo mês trabalhando gêneros a ser trabalhado em sala.

FONTE própria autora

Nos depoimentos dos professores percebeu-se que os alunos acessam os livros folheando, entretanto se chegam a ler o livro como um todo já não deu para afirmar e como a professora disse em seu depoimento não dá para mensurar se aumentou ou diminuiu o interesse pela leitura.

Quadro 4 – Possibilidade de retirada da Geladeira do espaço físico da escola e o acesso à biblioteca

Professor 1 – levar eles para escolher o livro e sair porque o ambiente tem muita poeira, não dá para trabalhar na biblioteca.

Professor 2 – eu vou muito a biblioteca pra buscar um livro, porque eu trabalho com três áreas, eu observo assim tem dia que tá arrumado ai quando chega outro dia parece que passou um vendaval, tem que ter um trabalho paralelo, educativo. Quem utiliza essa biblioteca? São os dois turnos, o vespertino utiliza mais eu já entrei na sala tinha brinquedos espalhados, a biblioteca é um local excelente para você fazer uma leitura uma pesquisa, mas tem que ter um clima agradável, limpo acessível eu já comentei isso com a direção a escola é muito pequena eu não consigo ter essa visão pedagógica dentro das salas de aulas as nossas salas estão muito sujas não tem quadros educativos, não tem cartazes educativos...

Professor 3 – a biblioteca não é um ambiente arejado, alunos com problema respiratório é complicado, tá suja, a escola suja e fechada é um entrave se tivesse uma pessoa sempre responsável seria bom.

FONTE: própria autora

Nos depoimentos dos professores observa-se que os livros na geladeira são cômodos, pois a biblioteca na maioria das vezes está suja e que quando ela é limpa há o uso, mas não há o zelo de mantê-la organizada.

Quadro 5 – Necessidade da presença de um profissional da Biblioteconomia na biblioteca da escola

Professor 1 – o profissional da área

Professor 2 – qualquer pessoa tem o acesso, sabe encontrar um livro, mas isso não quer dizer que ele tenha habilidade, mas o profissional seria o ideal.

Professor 3 – o interessante seria ter um profissional da área, mas como a gente sabe a situação a escola em termos de estrutura tivesse pelo menos uma pessoa que anotasse o livro que pegou.

FONTE: própria autora

Nas respostas dos professores, a presença do profissional seria o ideal, mas reconhecem que a estrutura da escola dificulta ter o profissional, mas se tivesse uma pessoa responsável pelo menos para controlar a saída e devolução dos livros, seria de grande ajuda. Perguntou-se se eles já tinham ouvido falar sobre a lei da universalização das bibliotecas, eles responderam que desconhecem.

Os questionários foram entregues a cinco professores; a escola atualmente tem apenas dez professores. As respostas estão transcritas nos quadros seguintes. Segundo o que está exposto no Quadro 6, percebe-se que, para os professores, a leitura contribui para o desenvolvimento do aluno no contexto intelectual, ou seja, amplia o conhecimento e o vocabulário, como também contribui para o processo da escrita.

Percebe-se que a concepção de leitura tem foco no conteúdo do texto, tem a “língua como código – portanto como mero instrumento de comunicação [...] o texto é visto como simples produto da codificação. [...], a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade [...]” (KOCH, 2012, p. 10).

Apenas o Professor (a) 2, abordou a leitura como possibilidade do “fascínio da viagem que a leitura oferece”, ou seja, o mesmo prazer que uma viagem de lazer proporciona a leitura também oferece. Entretanto a mesma também está preocupada com a aprendizagem quando ela diz que: a leitura “favorece o aprendizado de novos vocábulos”.

Professores 3, 4 e 5 falam da leitura como forma de melhoria da escrita, da fala, da ampliação de vocabulário e conhecimento, esses professores preocupam-se com o aprendizado do aluno.

Quadro 6 - Concepção de leitura pelos professores

Professor 1 - não expressou opinião (P1)

Professor 2 – extremamente importante, pois favorece o aprendizado de novos vocábulos e facilita a escrita, sem contar com o fascínio da “viagem” que a leitura oferece. (P2)

Professor 3 – atividade fundamental para o desenvolvimento do testemunho oral da palavra escrita de diversos idiomas. (P3)

Professor 4 – a minha concepção de leitura na escola é primordial, campo de saber, abertura de conhecimentos e que deve ser presente e bem trabalhada. (P4)

Professor 5 – de vital importância uma vez que, as práticas da leitura e da escrita corroboram para o desenvolvimento do aluno. (P5)

FONTE: própria autora

A concepção de leitura da maioria dos professores entrevistados coaduna com o que a escola de forma natural requer do aluno a capacidade de extrair informações de um texto.

Quadro 7 - Característica de um bom leitor, segundo o professor

P1 – quem ler escreve, fala, escreve e interpreta

P2 – aquele que demonstra curiosidade por títulos diferentes e do ponto de vista pedagógico aquele que sabe ler de acordo com a pontuação etc.

P3 – a capacidade de compreensão do sentido primário do texto e seus significados secundários.

P4 – um bom leitor é aquele que gosta de ler, se informar, conversar, dialogar, expandir conhecimento, cultura, saberes, habilidades.

P5 – todo aquele que tem uma compreensão boa de um texto.

FONTE: Própria autora

A concepção de leitor por parte dos professores é de um leitor capaz de inferir, de ler nas entrelinhas e de ir além do que está impresso, quem interpreta se apropria do texto, ou seja, “no seu sentido plural, isto é, o sujeito que lê além do impresso, que lê o mundo [...]” (BORTOLIN, 2010, p. 19).

Um leitor capaz de expor suas ideias pela oralidade e pela a escrita, que desenvolve habilidades e faz ligações com outros textos, ou seja, a intertextualidade que é a capacidade do leitor relacionar várias leituras seja ela escrita ou imagética. Essa habilidade é adquirida com a prática de leitura por parte do leitor de forma rotineira e diversificada.

Entretanto, o fato dos professores terem essa concepção de leitor não quer dizer que os mesmos consigam formar leitores capazes de fazer a intertextualidade, pois se assim fosse não haveria o porquê de projetos de incentivo à leitura.

Quadro 8 - A leitura em sala de aula incentivada pelo professor

- P1 – utilizando o livro didático na prática dos exercícios.
- P2 – faço atividades que promovem o fascínio pela mesma, mostrando que a leitura, como disse antes, tem que ser algo prazeroso.
- P3 – com a leitura de textos literários voltados para a historicidade humana.
- P4 – a leitura permeia os planos didáticos, a prática pedagógica, nas oficinas, síntese, atividades.
- P5 – através da leitura de textos.

FONTE: própria autora

As respostas dadas pelos professores quanto ao incentivo à leitura apontam a concluir que estão voltadas às atividades pedagógicas, ou seja, a leitura comprometida com a aprendizagem de conteúdo, apenas o P2 aborda a leitura no sentido do fascínio e do prazer, mas mesmo assim, voltadas para atividades.

Embora a escola devesse ser o local responsável em promover ações que desenvolvam o prazer de ler, indo ao encontro de práticas do letramento, as práticas em nossas escolas nem sempre contribuem para formar cidadãos leitores. E as bibliotecas, que deveriam ser o cérebro das instituições escolares, funcionam (quando existem), como apêndice da educação: sem bibliotecário, localizadas em salas impróprias, com acervo desatualizado e sem diversidade de leituras (escrita, virtual, etc.), sem atividade que promovam o prazer de ler, etc. (BECKER, GROSCH, 2008, p. 40).

A leitura como prática humana voltada ao lazer ainda tem um longo percurso, visto que enquanto não houver compromissos em transformar bibliotecas em espaços dignos de serem frequentados, fica difícil formar leitores.

Quadro 9 - Opinião dos professores sobre o projeto Geladeiroteca quanto ao incentivo à leitura na escola

- P1 - importante, mas falta organização e educar os alunos sobre a importância e cuidado com o material.
- P2 – importante, pois a oferta de livros é o primeiro passo para o estímulo a leitura.
- P3 – de suma importância para aprendizado e regularidade nas leituras
- P4 – o projeto Geladeiroteca é excelente, precisa ser mais trabalhado no que diz respeito à visita dos livros.
- P5 – é um projeto interessante que utiliza a geladeira como uma forma (instrumento) lúdica.

Fonte: própria autora

Embora os professores tenham respondido que o projeto tem valor para o incentivo à leitura, ressalta-se que não há envolvimento dos mesmos no projeto quanto ao incentivo aos alunos em buscarem livros e lerem. Quando o professor 1

fala que é preciso educar os alunos sobre a importância e cuidado com o material, ele não se sente responsável em fazer esse papel de educar.

Quadro 10 - Atividade de leitura desenvolvida para o aluno pelo professor

- P1 – textos dos livros didáticos
- P2 – textos da disciplina e ocasionalmente visita à biblioteca
- P3 – selecionando os textos de acordo com o tema e executando-o semanalmente
- P4 – leitura, leitura livre, leitura pesquisa, bibliográfica...
- P5 – apenas leitura de textos e exercícios

FONTE: própria autora

As atividades de leitura acontecem no livro didático com objetivos voltados para o conteúdo das disciplinas, como exercício da prática da pesquisa, ou seja, extrair a informação necessária que favoreça o aprendizado da disciplina.

Quadro 11 - Professor como mediador na formação de leitores

- P1 – um não, mas vários, em todas as disciplinas temos que incentivá-los
- P2 – um mediador sim, agora creio que essa eficiência não torna-se mensurável a curto prazo. Tentamos fazer o melhor sempre enquanto professor.
- P3 – sim, à medida que os alunos (as) são induzidos à criatividade e construção do conhecimento mediado pela produção textual.
- P4 – sim, a partir das práticas e incentivos destes para melhorias, estimulando abrir novos horizontes, descobrir as delícias da vida e ajudar também na escrita.
- P5 – preciso melhorar nesse quesito, já que devo incentivar mais os alunos a frequentarem a Biblioteca.

FONTE: Própria autora

Os professores ao responderem a pergunta quanto à mediação, foram enfáticos ao se reconhecerem mediadores, mas de forma genérica como àquele que precisa apontar o caminho, mas que não estão no caminho, ou seja, junto no trajeto da construção de um leitor, apenas o P5 aponta o caminho onde está a literatura que é a biblioteca, mas também quer apenas apontar, não está junto dialogando, enriquecendo descobrindo o prazer da viagem literária.

O cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é, sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma “forma de ser e de existir”. Isto porque seu compromisso fundamental, conforme a expectativa da sociedade, se volta para a (re) produção do conhecimento e para a preparação educacional das novas gerações. (SILVA, 2009, p. 23).

Devido às cargas horárias cansativas que os professores têm no dia a dia na escola, acabam lhes furtando o ócio que seria a oportunidade para a leitura por deleite, entretanto, leis educacionais, atividades para serem elaborados, documentos como diários e outros mais, acabam roubando do professor as oportunidades de se envolverem com um livro que não seja de cunho técnico.

A aplicação do questionário aos alunos teve como propósito perceber com mais precisão qual seria a relação deles com os livros e a leitura, o resultado está explícito no quadro a seguir, juntamente com o gráfico que é a representação quantitativa de algumas perguntas.

Quadro 12 - Questões quanto à leitura

Perguntas	Sim	Não
1. Você gosta de ler?	36	3
5. Você tem livros em casa?	30	9
7. Você costuma ler os livros da sua casa?	26	13
9. Seus pais costumam ler?	19	20
11. Você frequenta a biblioteca da escola?	18	21
12. Você acha que o projeto Geladeiroteca lhe incentiva a ler?	27	12

FONTE: Própria autora

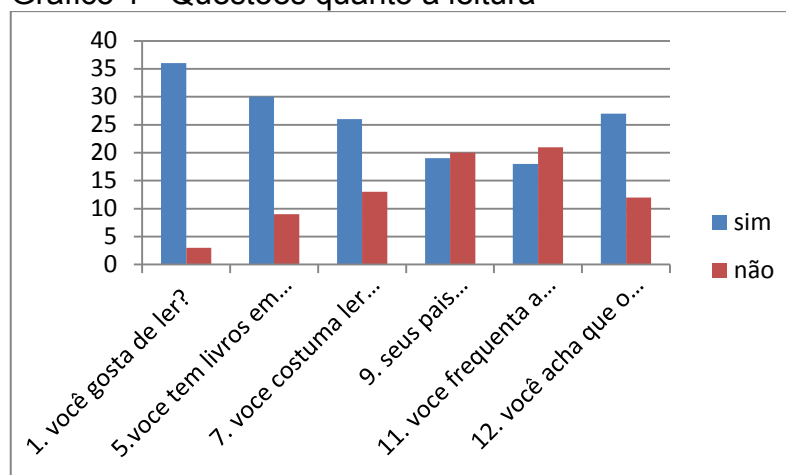
As perguntas quanto à leitura, ajuda a perceber de forma qualitativa que os alunos da U.E.B. Artur Azevedo têm grande possibilidade de desenvolverem a leitura como prática cotidiana, de forma autônoma, se o projeto de leitura Geladeiroteca continuar sendo incentivado no espaço escolar ou outras formas de incentivo à leitura forem adotadas.

No entanto, é lamentável que escolas de ensino básico estejam desprovidas de bibliotecas com o seu respectivo profissional habilitado para gerenciar, ou seja, bibliotecário, precisando que a escola lance mão de paliativos com a finalidade de aproximar o aluno do livro, pois é isso que o projeto Geladeiroteca faz: aproximar o aluno do livro, entretanto, se não houver um responsável que renove a literatura na geladeira, a mesma será apenas um artefato no espaço escolar, assim como que promova o debate sobre as leituras por meio de roda de conversas, e incentive o relato por parte dos leitores e a socialização das histórias.

Portanto, a biblioteca precisa ser o centro da busca da literatura, mas enquanto a biblioteca não for considerada espaço fundamental de pesquisa, leitura e informação pelos órgãos competentes, será um espaço inacessível aos alunos

precisando sempre de projetos como a Geladeiroteca que aproxima os alunos dos livros da biblioteca e socializa as coleções de forma mais visível no espaço da escola.

Gráfico 1 - Questões quanto à leitura



FONTE: autoria própria

O gráfico acima resultou de um questionário de doze perguntas, sendo que algumas perguntas estavam diretamente relacionadas à leitura e são estas perguntas que compõem o gráfico, os quais nós vamos analisar uma a uma.

Na questão 1, percebe-se que a maioria dos alunos gosta de ler, em termos quantitativos e ao compararmos com a pergunta 12, observa-se que o projeto Geladeiroteca na opinião da maioria, incentiva a leitura. Na questão 9, as duas torres têm uma pequena diferença quanto à leitura dos pais. Na questão 11, ao responder a pergunta referente à frequência na biblioteca há uma pequena diferença quanto a frequentarem a biblioteca.

Entretanto, o que se constata é que a biblioteca fica trancada e não há um responsável que permaneça no local. As falas das meninas do grupo de observação estão mais próximas da realidade do que as respostas apresentadas nos questionários.

5.3 Contribuição para fortalecer o projeto de leitura Geladeiroteca

A escola, por ser o espaço oficial de aprendizagem – embora se aprenda em outros espaços é a escola que se usa, especificamente, o espaço da biblioteca, que infelizmente ainda é pouco explorado nas escolas públicas, ou por não ter um profissional para mediar os frequentadores ou por estarem na maioria dos dias fechadas, visto que foi o que detectamos nessa pesquisa.

Ao usar o espaço da biblioteca, não está se determinando que seja unicamente o espaço de leitura, mas será o espaço que oficialmente será usado para a prática da leitura com o intuito de mantê-la acessível e frequentada pelo público leitor.

A partir do mês de setembro, foi iniciado um grupo de leitura com 18 participantes, que foram convidados nas turmas do sexto, sétimo e oitavo ano, só não foi estendido o convite para o nono ano por ser o último ano deles na escola e há uma proposta de trabalhar o projeto por dois anos buscando a formação de leitores e por consequência formar mediadores de leitura.

Bortolin (2010) faz um resgate do conceito de mediação a partir de estudos de vários autores dentre estes de Oswald Junior, no entanto, o que chama a atenção em sua tese é a valorização da leitura oral e foi nessa perspectiva que desenvolvemos o trabalho de intervenção quanto à formação de leitor na escola campo de pesquisa por acreditar que a leitura oral poderia ser o primeiro passo, para formar leitores.

Todavia, percebe-se que só a leitura oral mediada não é muito atraente para um público que foi convidado a participar de um grupo de leitura, se não houver uso de alguns recursos na voz como tonalidade, fazer as interjeições, sair da linearidade da voz, produzir sons que mexa com a subjetividade do ouvinte, ou seja, manter os sujeitos interessados foi, nesse sentido, que se continuou a usar a leitura oral, mas buscando dar vida aos personagens fazendo vozes, movimento corporal para poder manter o público.

O primeiro livro que foi lido foi um de Machado de Assis de nossa escolha, lido em duas etapas e que tem como título: “Contos de escola”. A história se reporta ao século XIX precisamente no ano de 1840, o enredo acontece em sala de aula em que tem como protagonista Pilar um garoto esperto, mas que costuma cabular as aulas por razões diversas desde que essas razões o encantem. A história gira em torno de uma moeda que pertence ao Raimundo filho do professor Policarpo, homem de dura cerviz, outros personagens da trama, além de Raimundo são Pilar e Curvelo.

Raimundo está com dificuldade em sintaxe e pelo fato do pai dele ser rígido ele oferece uma moeda para Pilar ensina-lo Sintaxe, mas enquanto eles negociam as “aulas de sintaxe” Curvelo os observa e ver tudo o que acontece o momento em que Pilar recebe a moeda de Raimundo e o momento em que Pilar passa um

pedaço de papel com algumas anotações sobre o assunto de interesse de Raimundo.

Pilar e Raimundo acharam que haviam ludibriado o mestre, quando de repente o mestre chama Pilar e Raimundo à frente, ao levantarem percebem que Curvelo está em pé do lado da mesa do mestre

Tanto Raimundo quanto Pilar foram denunciados ao mestre, Pilar não pode usufruir da moeda, pois o mestre a lançou para bem distante e com certeza não seria possível encontrá-la apesar de haver um fio de esperança no coração de Pilar.

O segundo livro foi uma escolha do grupo, foram apresentados três livros, dois contos e um mistério, é claro que por serem adolescentes preferiram o livro de mistério, mesmo sem conhecer a autora do livro que tem por título RAIMISCHIMBILIM: o mistério da família Sales, da autora Leda de Oliveira, que é doutora em letras pela USP.

O enredo do livro gira em torno de uma montanha cheia de mistérios por ter um cemitério indígena instalado. A casa nova da família Sales fica próxima da montanha e a filha do casal por ser muito curiosa já visitou a montanha e passou a entrar em transe e pronunciar a palavra RAIMISCHIMBILIM.

A menina desaparece misteriosamente deixando a família apavorada, pois acreditam que a menina foi sequestrada, entretanto no desenrolar da trama, a menina foi levada para um planeta em que o tempo é diferenciado do tempo terrestre. A família é acionada através de um computador que começa a transmitir informações sobre grandes nomes das artes, como pintores, maestros, escritores e etc. e eles percebem que as letras da palavra RAIMISCHIMBILIM, cada letra refere-se a um nome das artes ou relacionada à obra de algum artista. A partir dessa descoberta a família vai até a montanha e pronuncia a palavra e recebe a visita de seres extraterrestre que os levam ao seu planeta, depois de alguns dias eles querem retornar, mas descobrem que os dias que passaram no planeta foram anos longe da terra.

O enredo é interessante, mas por haver muitos diálogos, a leitura no princípio não cativou muito os ouvintes, entretanto quando ouve mudança de tonalidade da voz tentando representar os personagens a atenção foi adquirida, ou seja, só a leitura em voz alta, não contribui para o desenvolvimento de interessados em literatura.

O terceiro livro foi escolhido também pelos alunos com o título Oliver Twist, de Charles Dickens, quando iniciamos a leitura fazendo uma introdução do conteúdo do

livro à aluna que havia escolhido o livro pensou que era Pinóquio devido à imagem que tem na capa. A leitura foi iniciada em maio, mas ainda não se concluiu, devido às festas juninas os alunos preferem ensaiar quadrilha, portanto só será encerrado o conteúdo do livro em agosto.

Além das leituras, houve uma mobilização para organizar a biblioteca da escola, separando os livros de literatura dos livros didáticos, com a participação de alguns professores, também foi possível conseguir doações de livros de aventura para compor o acervo da Geladeiroteca.

A literatura infantil e juvenil em quantidade na biblioteca é menor comparado à quantidade de livros didáticos que ocupa o espaço significativo nas prateleiras; o que foi sugerido que fossem devolvidos os livros didáticos que apenas ocupam espaço na biblioteca, a direção da escola aceitou a sugestão e providenciou a remoção dos livros.

À direção da escola foi solicitado o projeto pedagógico, porém, segundo a direção a proposta pedagógica da escola está em construção, então perguntou-se qual era o objetivo da escola quanto à leitura, como resposta, teve-se que: quanto à leitura ela está voltada para a alfabetização do aluno no primeiro ano, o mais tardar no segundo ano, sendo que a proposta não é apenas que o aluno faça a decodificação dos signos, mas que seja capaz de ler e se encantar com a leitura e que a educação se baseava na proposta da UNESCO que tem como base quatro pilares:

[...] aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e finalmente aprender a ser, [...]. (DOLORS, 1998, p.90).

Na fala da diretora constatou-se que a escola ainda não tem seu projeto pedagógico materializado em documento formal, pois esta ficou de disponibilizar o texto que já havia produzido e até o final desta pesquisa não foi disponibilizado o documento oficial.

6 CONCLUSÃO

A formação de leitores por meio de projetos sistematizados e vinculados ao currículo escolar em diferentes disciplinas é uma estratégia fundamental para desenvolver práticas de leitura que deve ser trabalhada com alunos desde a primeira infância e se ampliar para os demais níveis escolares.

Ressalte-se, entretanto, que a eficácia dos projetos de leitura depende de um conjunto de fatores e condições favoráveis, sendo necessário um esforço coletivo dos gestores escolares e dos professores para envolver crianças e adolescentes em atividades sistemáticas de leitura, explorando os diferentes gêneros literários e linguagens artísticas, sobretudo no contexto de grandes atrativos tecnológicos onde o público escolar é atraído pela cultura midiática da internet e das redes sociais, sendo que mantê-los interessados nas disciplinas já é uma vitória por parte dos professores.

A permanência de projetos de leitura na escola possibilitará a formação de leitores críticos e autônomos, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma sociedade leitora, com cidadãos mais conscientes do seu papel político e social.

Constatou-se que o projeto “Geladeiroteca” foi iniciado no ensino fundamental nos anos iniciais, mas não houve empenho por parte do conjunto de professores e gestores escolares do turno vespertino em dar continuidade a esse projeto, sendo que apenas uma professora se esforçou para o projeto não desaparecer.

Por outro lado, o não funcionamento da biblioteca escolar com a presença de um bibliotecário para gerenciar e promover o desenvolvimento de projetos de leitura integrados ao projeto político-pedagógico da escola causa um distanciamento dos alunos em relação à prática efetiva da leitura e acabam não valorizando a biblioteca como espaço fundamental para o desenvolvimento das práticas de leitura e formação de leitores na escola.

A intervenção iniciada durante o processo de pesquisa para elaboração desta monografia, considerando que a pesquisadora atua na escola em estudo na função de professora da educação básica, foi um esforço em dar continuidade ao projeto “Geladeiroteca” com o intuito de motivar os alunos quanto à leitura literária, onde é perceptível o interesse de alguns alunos e professores do turno matutino, é tanto que durante a realização das rodas de leitura sempre teve a participação de

mais de dez alunos nas atividades, demonstrando prazer em participarem dos momentos de vivência literária, onde um aluno pode ir chamando outro e esse número ir se ampliando. Observou-se, porém, que alguns alunos permaneciam nas atividades não porque estavam de todo modo interessados, mas porque não queriam ir para suas casas, e ao mesmo tempo demonstraram curiosidade em relação as rodas de leitura. Essa manifestação por parte dos alunos evidencia um aspecto relevante que representa a escola como um importante local de encontro e de troca de saberes e fazeres pedagógicos, onde os alunos gostam de estar na escola, mesmo que não haja muitos atrativos culturais e artísticos, posto que o bairro é carente de espaços de cultura, não tem praças, quadra poliesportiva, e outros.

Dentre os resultados da pesquisa verificou-se que os alunos gostam de ler os livros da “Geladeiroteca”, embora haja a necessidade de renovação das coleções para aumentar o nível de interesse de leitura e de variedades de gêneros literários, que por meio da mediação da leitura pelos professores e alunos mais experientes, os demais alunos passaram a demonstrar um maior interesse pela leitura literária e a buscar livros com maior frequência.

É evidente a relevância do Projeto “Geladeiroteca”, porém, observa-se ainda pouca participação por meio do conjunto de professores da Escola em se envolver no projeto e desenvolver ações sistemáticas no planejamento curricular que incorpore a leitura literária como ação fundamental para formar leitores, sobretudo com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que adquiram o gosto e o exercício habitual pela leitura, que se concretiza na escola e se amplia para a vida pessoal e coletiva.

REFERÊNCIAS

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. 3 ed. Editora Cortez, São Paulo: editora Cortez, 2014.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira. GROSCH, Maria Selma. **A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59/79>> Acesso em: 27 Dez. 2016.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Marília: 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus Marília), Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103349>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. 2 ed. México, 1998. Disponível em: <<https://detemasytemas.files.wordpress.com/2012/05/capital-cultural-escuela-y-espacio-social.pdf>> acessado em: 23 jan. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Disponível em: <lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simbólico.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento**. Calidoscópio Vol. 5, n. 1, p. 24-30, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/ppge/images/ppge/2014/documentos/docs_editais/BRITTO_Luiz_Percival_Leme2007_Escola_ensino_d_Lingua_letramento_e_conhecimento.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção primeiros passos. P.33-65

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. 6 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

DELORS, Jacques et. al. **Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Disponível em: <http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em: 27 julho 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: autores associados: Cortez, 1989.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade. FACHIN, Gleisy Regina Bories, **Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem**. REVISTA ACB: BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, V. 4, N. 4, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: editora Brasiliense, 1988.

MARTINS, Leoneide Maria Brito. Letramento literário e o processo de formação de leitores no ambiente escolar. In: CASTELHANOS, Samuel Luís Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Org.) **Livro, leitura e leitor: perspectiva histórica**. São Luís: EDUFMA, 2016. p. 563- 576.

PAIVA, Aparecida et al. Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro. In: VERSIANI, Zélia. **Escolhas literárias e julgamento de valor por leitores jovens**. Belo Horizonte: Autentica/CEALE/FaE/UFMG, 2003. P. 21-33. (Coleção linguagem e educação, 8).

Portal do Bibliotecário. **As 5 leis de Ranganathan**. Disponível em: <<http://portaldobibliotecario.com/biblioteconomia/as-5-leis-de-ranganathan/>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

RÖSING, Tania M. K. Do currículo por disciplina à era da educação –cultura-tecnologia sintonizada: processo de formação de mediadores de leitura. In: **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. SANTOS, Fabiano dos. MARQUES NETO, José Castilho. RÖSING, Tania M. K. (Org.). São Paulo: Global, 2009. p. 129 - 155.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Concepções de leitura e suas consequências no ensino**. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SILVA, Vítor Manoel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 8. ed., 7. Impres., Vol. I. Coimbra: Almedina, 1993.

SOUZA, Renata Junqueira de. COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para sala de aula**. Disponível em:<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2018.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões de nossa época, v.47).

ZILBERMAN, Regina. Letramento Literário: não ao texto e sim ao livro. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autentica/CEALE/FaE/UFMG, 2003. p. 245-266.

APÊNDICES

APÊNDICE A – modelo do questionário aplicado com alunos

1ª - Você gosta de ler?

() Sim () Não

2ª - Para quê você lê?

() Diversão () Obrigação Outra?-----

3ª - Com quem você aprendeu a ler?

() professor(a) () bibliotecário(a) () mãe/pai () Outra?-----

4ª – Atualmente quem incentiva você a ler? _____

5ª - Você tem livros em casa?

() Sim () Não

6ª - Como são esses livros?

() Didático () Literatura (...) Gibis (...) Outro?-----

7ª - Você costuma ler os livros da sua casa?

() Sim () Não

8ª - Como você adquire os livros?

() Compra () Presente

9ª - Seus pais costumam ler? Se sim, responda a 10ª.

() Sim () Não

10ª – O que os seus pais leem?

() Jornal () Revista () Literatura

11ª - Você frequenta a biblioteca da escola?

() Sim () Não

Se não, por quê?-----

12ª - Você acha que o projeto Geladeiroteca lhe incentiva a ler?

(...) Sim (...) Não

13ª - Que livros você já leu da Geladeiroteca?

14ª - Quais são os últimos livros que você mais gostou de ler?-----

APÊNDICE B – modelo do questionário aplicado com professores

1ª - Tendo por base o que você estudou e sua experiência de vida como professor
(a). Qual a sua concepção sobre a leitura na escola?-----

2ª - Você considera seus alunos leitores?
() Sim () Não

Se não, por quê?-----

3ª - Para você, o que caracteriza um bom leitor?

4ª - Você já usou a Geladoteca para promover leitura entre os alunos?
(...) Sim (...) Não

5ª - como você incentiva a leitura entre seus alunos em sala de aula?

6ª – Qual sua opinião sobre o projeto Geladoteca em relação ao incentivo a leitura na escola?

7ª - Você incentiva seus alunos a frequentar a biblioteca da escola?

(...) Sim (...) Não

Se não, por quê?-----

8ª – você trabalha a leitura literária com seus alunos?

(...) Sim (...) Não

9ª que atividades de leitura você desenvolve com seus alunos?

10ª – O professor é um (a) mediador (a) do processo de leitura. Você se considera um (a) mediador (a) eficiente na construção do leitor? Justifique sua resposta_____

